

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
COORDENAÇÃO DE LETRAS VERNÁCULAS

LUIGI SILVA CONRADO DA COSTA

**UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DE ADULTOS DO BAIRRO
MATIAS EM ELESBÃO VELOSO - PI**

TERESINA

2016

LUIGI SILVA CONRADO DA COSTA

**UM ESTUDO SOCIOLINGUISTICO NO BAIRRO MATIAS EM ELESBÃO VELOSO
PI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação de Letras Vernáculas da
Universidade Federal do Piauí, como requisito
para a obtenção do título de licenciado em
Letras-Português.

Orientadora: Profa. MSc. Valdulce Ribeiro Cruz
Sousa.

TERESINA

2016

LUIGI SILVA CONRADO DA COSTA

UM ESTUDO SOCIOLINGUISTICO NO BAIRRO MATIAS EM ELESBÃO VELOSO
PI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação de Letras Vernáculas da
Universidade Federal do Piauí, como requisito para a obtenção do título de licenciado em
Letras-Português.

Aprovado em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. M. Sc. Valdulce Ribeiro Cruz Sousa
Orientadora (UFPI)

Profa. Dra. Catarina de Sena S. Mendes da Costa
Examinadora (UFPI)

Profa. Dra. Iveuta Abreu Lopes
Examinadora (UESPI)

À minha família, minha mãe Luzia, meu pai Francisco, ao meu irmão Lucas e a minha Tia Dora, motivo da minha dedicação e eterna inspiração.

AGRADECIMENTOS

Foi longa a jornada... Mas estou finalizando e com o sentimento de gratidão e dever cumprido! Agradeço à Fundação Universidade Federal do Piauí, por ter colaborado para todo meu conhecimento adquirido durante esses anos todos e por me oferecer todos os instrumentos necessários para que eu pudesse concluir minha monografia. Agradeço, também, à Profa. Msc. Valdulce Sousa, por me orientar e mesmo antes de tudo, ainda como professora, ser uma pessoa maravilhosa e de inteligência única e que sem ela, eu não teria conseguido concluir meu trabalho. Obrigado pelas orientações, pelas mensagens e por sempre se mostrar profissional. A pessoa Valdulce, para mim é um exemplo, símbolo de dedicação e amor à docência. Espelhar-me-ei muito em você.

Obrigado a Deus, a quem merece toda honra e toda glória. Obrigado por sempre estar comigo e indicando o caminho reto, iluminando meus pensamentos para a conclusão do meu trabalho. Obrigado à minha mãe, Luzia do Socorro Sousa Silva, e a meu pai, Francisco das Chagas Conrado da Costa, pelo companheirismo, por estarem sempre ao meu lado, por me mostrarem que a vida é difícil, mas com a família e Deus ao seu lado, não há o que temer. Sou grato ainda ao meu irmão Lucas Silva Conrado da Costa, que mesmo distante, é companheiro e sempre se espelhou em mim na sua jornada de estudos. A minha tia Maria Doraci, agradeço pelos conselhos e companhia diária, e por nunca ter me deixado fraquejar. Ao Jefferson, Paulo e Mara, pela amizade incondicional, pelo companheirismo diário, pelas risadas, pela cumplicidade e solidariedade em não me deixar desistir. Muito obrigado também a todos os meus companheiros de turma, por caminharem sempre comigo, contribuindo de uma forma ou outra e assim, tornamo-nos irmãos.

Por fim, grato a todos os que de forma espontânea e disponível me auxiliaram na execução desse projeto, tornando assim possível, a conclusão desse árduo, porém gratificante, caminho.

*A base do conhecimento intersubjetivo na
linguística tem de ser encontrada na fala – a
língua tal como usada na vida diária por
membros da ordem social, este veículo de
comunicação com que as pessoas discutem com
seus cônjuges, brincam com seus amigos e
ludibriam seus inimigos.*

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 13)

RESUMO

O trabalho exposto pretende analisar como o Piauiês ocorre em uma determinada comunidade de fala em Elesbão Veloso PI, para identificar certas variantes que podem ou não ser próprias daquela região além de mostrar como essas particularidades são importantes para a manutenção da cultura e do conservadorismo do dialeto do Piauí. Busca-se ainda mostrar como essas variantes nos ajudam a resgatar a cultura na sociedade piauiense. Tendo por base a pesquisa de caráter etnográfico, através da observação e descrição dos eventos de fala, iremos analisar essas variantes e explicar que essas ocorrências próprias desse dialeto são consideradas importantes de acordo com as normas e teorias sociolinguísticas. A pesquisa se fundamenta, como suporte teórico, nas ideias de LABOV (2008), BAGNO (2001), RICARDO (2011), Calvet (2002), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística; Preconceito Linguístico; Piauiês.

ABSTRACT

The foregoing study aims to examine how the Piauiês occurs in a given speech community in Elesbão Veloso PI to identify certain variants that may or may not own the region and show how these characteristics are important for the maintenance of culture and dialect of conservatism Piaui. Also tries to show how these variants help us rescue the culture in Piaui society. Based on the ethnographic research through observation and description of speech events , we will analyze these variants and explain that these very instances of this dialect are considered correct according to the rules and sociolinguistic theories. The research is based, as theoretical support, in Labov ideas (2008) , BAGNO (2001) , RICARDO (2011), Calvet (2002), among others.

KEYWORDS: Sociolinguistics, Preconception Language, Piauiês.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| 1 SOCIOLINGUÍSTICA | 12 |
| 1.1 História da Sociolinguística | 12 |
| 1.2 As Variáveis do Ponto de Vista da Sociolinguística | 16 |
| 1.3 Variável e Variante Linguística | 19 |
| 1.4 Uma breve abordagem sobre a semântica | 20 |
| 1.5 O dilema do preconceito linguístico | 21 |
| 1.6 Desbravando Elesbão Veloso PI | 23 |
| 2 MÉTODOS ETNOGRÁFICOS | 25 |
| 2.1 DESCRIÇÃO DA COMUNIDADE DE FALA DO BAIRRO MATIAS EM ELESBÃO VELOSO – PI | 27 |
| 3 Análise do corpus | 29 |
| 3.1 CATEGORIZAÇÃO DAS VARIANTES ANALISADAS | 37 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 38 |
| REFERÊNCIAS | 40 |
| ANEXOS | 42 |

INTRODUÇÃO

O trabalho apresenta o seguinte tema: Um diagnóstico sociolinguístico sobre as particularidades do Piauiês de um grupo de falantes do bairro Matias situado em Elesbão Veloso-PI, que tem como propósito analisar, sob uma perspectiva etnográfica e interacional, as características próprias do dialeto Piauiês, como gírias e expressões típicas do Piauí, em eventos de fala cotidianos na cidade de Elesbão Veloso, precisamente no bairro Matias.

Essas características nos expressam uma riqueza cultural muito grande nessas regiões, pois além de haver variáveis que podem ser próprias daquela comunidade, também são comuns em todo o território piauiense.

Faz-se necessário, portanto, estabelecer uma amostra de como acontece a relação dessas variações linguísticas com a cultura e o meio em que o falante está inserido para que haja melhor compreensão, mostrando à sociedade em geral que essa variação ocorrida na língua não é errônea, porém, faz parte de um resgate sociocultural e identitário dos falantes dessas regiões.

O trabalho parte do seguinte problema de pesquisa: Como o Piauiês ocorre em uma determinada comunidade de fala do bairro Matias em Elesbão Veloso PI?

Investigando o dialeto e as variações linguísticas existentes naquela região, fatores tanto socioeconômicos quanto culturais, contribuem para a existência e permanência dessas variações em interações de fala entre os enunciadores, sendo corriqueiras em seu dia a dia.

À luz das palavras de Labov (2008) que diz que a base do conhecimento intersubjetivo na linguística tem de ser encontrado na fala, o objetivo da pesquisa é analisar as falas de determinadas sujeitos previamente selecionados inseridos na comunidade de fala, do bairro Matias, identificando variantes específicas do linguajar piauiense, utilizadas por tais comunidades, de forma que comprovem o quanto são importantes para a manutenção da cultura e do dialeto piauiense. Além disso, investigaremos a formação das características próprias do falar desses sujeitos, integrantes dessa comunidade de fala, e sobretudo, analisando como essas variações linguísticas ocorrem na sociedade.

A relevância deste trabalho pode ser considerada de irrefutável indispensabilidade, pois motivado por essas características próprias da língua (gírias e palavras criadas e comumente faladas exclusivamente por piauienses), os seus falantes sofrem certo preconceito por parte de puristas ou de pessoas que desconhecem a teoria da variação linguística, fazendo emergir preconceitos no meio dessa sociedade.

Estabelecemos, pois, uma amostra de como acontece a relação dessas variações linguísticas com a cultura e o meio em que o falante está inserido para que haja melhor compreensão, mostrando a sociedade em geral, que essa variação existente na língua não é inaceitável, nem tampouco errada, além da promoção de um resgate sociocultural das origens linguísticas.

Para uma pesquisa acerca do preconceito linguístico e da variação linguística, utilizamos as obras de *Norma Linguística*, de Marcos Bagno (2001), *Padrões Sociolinguísticos*, de William Labov (2008), *Do Campo para a Cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*, de Stella Maris Bortoni-Ricardo (2011) dentre outros.

Este trabalho é organizado em oito capítulos: o primeiro capítulo que nos traz o aporte teórico utilizado no campo da sociolinguística variacionista, abordando a sociolinguística de forma ampla e coerente de acordo com nossos objetivos. Também nos traz uma abordagem sobre a variação linguística, como ocorre e suas características na língua, visando analisá-las em situações de fala no decorrer dessa pesquisa, assim como a questão do preconceito linguístico, contendo uma entrevista feita pelo pesquisador deste trabalho com o professor Marcos Bagno, que muito trata deste assunto e que também utilizaremos no nosso trabalho. Traz uma pequena amostra da cidade em que foi realizada a pesquisa. O segundo capítulo traz a metodologia, salientando a pesquisa etnográfica e os autores utilizados. Contem também a descrição da comunidade analisada, já que a pesquisa ocorreu nessa comunidade específica, contendo as análises feitas do corpus utilizado, possuindo um pequeno quadro com a recategorização das variantes coletadas e as conclusões. Por fim, as referências dos autores utilizados no decorrer dessa pesquisa.

Essa pesquisa é pertinente por tratar a Sociolinguística de uma forma ampla e bem clara, aplicando conceitos e teorias que condizem muito bem com o objeto de nossa pesquisa, uma vez que consiste em identificar na fala de um determinado grupo de falantes do bairro Matias em Elesbão Veloso PI, por meio de uma pesquisa etnográfica, as características próprias desse dialeto, identificando suas normas e regras que regem essa fala, em cada situação de interação. Vale ressaltar que pesquisas como essa, convergentes ao campo sociolinguístico são pertinentes para o resgate socio-histórico e cultural das pessoas que vivem em suas comunidades de origem. Metodologicamente, este trabalho adotou o tipo de pesquisa etnográfica, método já conceituado e introduzido na sociolinguística por Dell Hymes na década de 60, buscando os padrões de comportamento comunicativo entre pesquisas desse gênero.

O trabalho desenvolvido almeja observar os eventos de fala em seu uso real, na interação de seus falantes no dia a dia, tendo o pesquisador o papel de também agregar-se com a comunidade citada, para melhor ser a captura e apreciação dos dados solicitados para o desenvolvimento da pesquisa.

1 SOCIOLINGUÍSTICA

1.2 História da Sociolinguística

A sociolinguística, em suma, é o estudo da língua no seu uso real. Considerando a língua falada, essa linha de pesquisa também nos remete a outros campos de estudo como o da antropologia, da história, bem como tantas outras áreas. A sociolinguística utiliza-se da língua em vários aspectos como o da língua em variação, bem como também a língua de acordo com fatores socioculturais, fatores geográficos, o multilinguismo, sendo assim, algumas das áreas que a linguística utiliza-se para suas pesquisas.

Correlacionando aspectos sociais e linguísticos, a proposta da sociolinguística é que ela deve demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social. Dizendo de outra maneira, a sociolinguística deve relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade. Entendida como manifestação da vida em sociedade, o estudo da língua pode ligar-se à Sociologia, abrindo-se, a partir daí, campos novos de pesquisa, em especial o da Sociolinguística. (PRETTI, Dino, p. 2)

Bright (As dimensões da Sociolinguística, 1974) identifica um conjunto de fatores socialmente definidos, com os quais a diversidade linguística pode estar associada, como por exemplo, a identidade social do emissor, o que identificaria traços dos dialetos de classes sociais ou as diferenças entre as falas dos homens e das mulheres ou o contexto social, relevante no estudo das diferenças entre a função dos estilos formal e informal etc.

Em razão disso, iremos analisar uma comunidade de fala específica, uma vez que no seu interior, poderemos perceber as variações nas situações cotidianas dos falantes os quais podemos ratificar e justificar a existência de variantes usadas por esses falantes com adequação às diversas situações de fala. Com isso, percebemos que a língua é parte intrínseca de um povo e objeto de interação entre aqueles indivíduos. Vale a ressalva de que a sociolinguística não utiliza somente a representação da língua em si, mas também se utiliza de fatores extralinguísticos para explicar esse fenômeno da variação linguística. Vejamos a seguir:

A Sociolinguística que Labov propõe é aquela com o propósito de estudar a estrutura e evolução da língua no contexto social da comunidade, cobrindo a área usualmente chamada de Linguística Geral, a qual lida com Fonologia, Morfologia, Sintaxe e Semântica (LABOV [1972] 2008, p. 184).

A Sociolinguística laboviana não é uma teoria da fala, nem o estudo do uso da língua com o propósito exclusivo de descrevê-la, mas o estudo do uso da língua no sentido de verificar o que ela revela sobre a estrutura linguística (*langue*). Seguindo o objeto de estudo sociolinguístico, Labov utiliza-se da variação linguística como objeto de estudo fundamental para suas pesquisas. Definido o objeto de estudo, a sociolinguística, é a ciência que estuda a diversidade diastrática (estratos sociais) de uma comunidade.

Tem como objeto de estudo a variação linguística, que passa a ser estudada cientificamente com critérios que envolvem grau de escolaridade, sexo, a idade etc. Assim, os processos de mudanças contemporâneas que ocorrem na comunidade de fala são primordiais na Sociolinguística.

Comunidade de fala para esse modelo teórico-metodológico não é entendida como um grupo de pessoas que falam exatamente iguais, mas que compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros; comunicam relativamente mais entre si do que com os outros e, principalmente compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem. (cf. LABOV, 1972; GUY, 2000).

Ao adotarmos a teoria sociolinguística para nosso trabalho, teremos como objeto de estudo as variações linguísticas por meio da fala. Essas variações ocorrem ora por influência social, econômica, cultural entre outros fatores.

A sociolinguística surgiu em uma conferência em 1964, que reuniu 25 pesquisadores em Los Angeles, por presidência de William Bright, que definiu a sociolinguística “como uma ciência que mostra que a variação ou a diversidade não é livre, mas que é correlata às diferenças sociais sistemáticas” (CALVET, 2002, p.21), atraindo a atenção para a necessidade de estudos mais aprofundados entre a sociedade e a linguagem.

Buscando o objeto de estudo da sociolinguística, Bright respondeu a seguinte indagação: quais são os fatores que condicionam a diversidade linguística? Como resposta, ele distingue três fatores principais: a identidade social do falante, a identidade social do destinatário e o contexto.

Com isso, marcou-se o início dessa nova ciência, que se diferenciava dos padrões de Saussure, que via a língua como um sistema linguístico, e de Chomsky o qual analisava a língua como uma estrutura homogênea regida por regras e que podia ser estudada fora do seu contexto social.

Com o início dessa nova subárea da linguística, veio com ela também, antes de se tornar a ciência da sociolinguística, a necessidade de se “desconstruir” a rígida dicotomia de Saussure entre análise sincrônica e diacrônica. Saussure acreditava que a língua era um

sistema homogêneo e unitário e após ter determinado a sua dicotomia entre língua e fala, aonde conduzia os estudos linguísticos por dois caminhos diferentes, o mestre de Genebra nos apresentou outra dicotomia, a sincronia relacionada à língua e a diacronia que é relacionada à fala.

Assim, Saussure prendeu-se a estudar somente a língua, como uma estrutura fechada realizando assim estudos sincrônicos da mesma, deixando de lado as mudanças linguísticas de lado e as desconsiderando, observando somente a língua como estrutura homogênea e do presente, deixando de lado as mudanças linguísticas ocorridas no passado. Não deveria a Linguística, portanto, ocupar-se da fala; esta seria objeto de estudo da Estilística, ou mais amplamente, da Linguística externa. Segundo o autor, “o estudo dos fenômenos linguísticos externos é muito frutífero; mas é falso”.

Contudo, interessado em desvendar os enigmas da mudança linguística, o americano William Labov concebe a Teoria da Variação Linguística que consiste em metodizar as características linguísticas ao lado dos aspectos de uma comunidade de fala determinada. Vale ressaltar que antes de Labov, o próprio cita que Martinet é referido como um daqueles que “havia consistentemente erodido” a rígida dicotomia saussuriana entre análise sincrônica e diacrônica, através de suas análises estruturais de mudanças ocorridas no passado (Labov, 2008).

Surgem com isso vários teóricos que começaram a tratar a mudança linguística em progresso, com o pioneiro Gauchat, que realizou o primeiro estudo que tomou como objeto a mudança linguística em progresso, analisando traços fonológicos em comunidades de fala, constatando que havia mudanças em progresso nos traços estudados, sendo confirmado assim, vinte anos depois por Hermann, que analisou e constatou quatro dos seis traços estudados por Gauchat.

Seguindo os moldes da variação, surgia a necessidade de mostrar que a relação entre a variação e mudança, não acontecia de uma forma livre e não condicionada. A variação tinha que ser vista como parte integrante do sistema linguístico para que assim pudesse ser objeto de análise linguística sistemática, sendo rompida a ideia estruturalista de que no sistema linguístico, que se baseava na invariância. Daí surge a sistematicidade da variação.

“Na teoria laboviana, a particularidade do sujeito seria excluída: o indivíduo seria tomado como um tipo social” (VANIN, 2009, p. 149 apud GONÇALVES, 2013, p.106), pois não se trata de um indivíduo senhor de si e do processo de variação e já que a comunidade de fala (e não o indivíduo) passa a ser a unidade de estudo.

Com todo esse percurso, observou-se que para entendermos a variação linguística como um todo, precisaria entender os fatores externos a essa variação, para assim entendermos como ocorre essas mudanças na língua. Refutando essa ideia, Luchesi (2004) nos cita que:

A tarefa de determinar a sistematicidade da variação levantava a necessidade de se considerar os chamados fatores externos na análise linguística, pois o que era, no plano estritamente linguístico, aleatório tornava-se sistemático quando correlacionado com os fatores sociais e estilísticos. (LUCHESE, 2004, p. 166)

A variação da língua e a constante mudança da mesma nos acompanham desde o tempo do latim, onde assumia duas formas: o latim clássico, falado por pessoas de maior escolaridade e doutores da lei; e o latim vulgar, utilizado por pessoas menos favorecidas como artesãos, vendedores e comerciantes, sendo uma variante do latim vulgar. Contudo, essa variação que ocorreu na língua latina, ainda ocorre através dos tempos nas línguas neolatinas. Vejamos as palavras de Lucchesi (2004):

Desse modo, o desenvolvimento histórico de uma língua deixa de poder ser representado pela sucessão de sistemas discretos, unitários, homogêneos e autônomos, e passa a ser concebido como o contínuo processo de variação e mudança dentro do sistema heterogêneo inserido no contexto sócio-histórico e cultural da comunidade de fala.” (LUCCHESI, 2004, p. 184)

À luz de Lucchesi (2004), podemos compreender que a evolução na língua ela é um contínuo processo de variação dentro de um sistema bem heterogêneo, o sistema linguístico. As variações ocorrentes em uma língua estão no seio da comunidade de fala, trazendo consigo muito a dizer de sua cultura, de sua sociedade, além de servir como identidade para os indivíduos que usufruem dessas variações.

Podemos compreender que já se possuía a preocupação com essas variações ocorrentes na língua, para que não as considerasse errôneas, mas sim como uma evolução para determinada língua, onde ela cita o exemplo da língua francesa. Só que variações ocorrem em toda língua, inclusive no nosso Português Brasileiro, tão cheio de normas e regras.

Puristas acreditam que as variantes que ocorrem em cada língua, neste caso do português brasileiro, podem contribuir para um mau funcionamento da língua, levando o falante a um estado desfavorável daqueles que dominam a variante considerada certa na língua.

1.2 As Variáveis Sociais do Ponto de Vista da Sociolinguística

A língua muda obedece a regras e faz parte de um sistema, mas dentro desse mesmo sistema, ocorrem variações que contribuem para a evolução de uma língua. Para Labov (2008), as línguas estão em constante modificação e essa mutabilidade linguística decorre da prática da língua por falantes e das suas interações sociais.

De acordo com Cunha:

Nenhuma língua permanece a mesma em todo o seu domínio e, ainda num só local, apresenta um sem-número de diferenciações. (...) Mas essas variedades de ordem geográfica, de ordem social e até individual, pois cada um procura utilizar o sistema idiomático da forma que melhor exprime o gosto e o pensamento, não prejudica a unidade superior da língua, nem a consciência que tem os que falam diversamente de se servirem de um mesmo instrumento de comunicação, de manifestação e de emoção. (CUNHA, 1992, p.19)

Na citação anterior, vimos que há variação na língua, pois os indivíduos não são iguais e assim conseqüentemente, tendem a usar a língua de forma diferente de acordo com a necessidade de comunicação.

Com essas variedades é que iremos trabalhar para explicar que variações que ocorrem na língua não é um objeto de desprestígio e que podem sim ocorrer juntamente com a norma padrão de uma língua, no nosso caso o português e que essas variações podem ser de suma importância para um resgate sociocultural, para um determinado grupo social, que inseridos em uma comunidade de fala, usufruem dessas variantes para melhor se comunicarem e seguirem uma tradição dos falantes daquela determinada região.

Segundo Saussure (2004, p. 17), “a língua é um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. Com a fala de Saussure, percebemos que a língua é base para a interação de indivíduos, no qual cada um se utiliza a forma ou a norma que bem achar cabível em uma determinada situação de fala.

Com isso, precisamos trabalhar para desmistificar os estigmas que ainda existem sobre a língua em achar que uma forma mais prestigiada é correta e as variedades que ocorrem nessa língua é errônea. Os estudos sociolinguísticos corroboram a ideia de que a variedade culta e as variedades não padrão da língua coexistem entre si, e que o uso de uma variedade ou de outra e o que pode ser considerado como certo ou errado é mais uma questão cabível a

sociolinguística, levando-se em conta interesses sociais. As palavras de Bortoni-Ricardo (2005) nos deixa claro essa questão, quando nos fala que:

O prestígio associado ao português padrão é sem dúvida um valor muito arraigado, herança colonial consolidada nos nossos cinco séculos de existência como nação. Podemos e devemos questioná-lo, desmistificá-lo e demonstrar sua relatividade e seus efeitos perversos na perpetuação das desigualdades sociais, mas negá-lo, não há como.

Com esse paradoxo existente na língua, proveniente geralmente como dito anteriormente de interesses sociais, a sociolinguística vem com o intuito de expor à sociedade em geral, que ambas as formas coexistem e que ambas são correlacionadas uma com a outra. Essas formas são distinguidas em duas, que são: norma culta e norma padrão.

Para Bagno (2001) temos duas definições para esses dois conceitos de norma: o *primeiro* conceito diz respeito à norma culta como tradicional, ou seja, uma série de critérios avaliativos para o estabelecimento de juízos de valor dicotômicos, onde se insiste em dizer o que é certo e o que é errado, o que é bonito e o que é feio, o que é português e o que não é português.

Nesse primeiro conceito, podemos ver a contribuição de puristas, que acreditam ter uma língua ideal e perfeita que rege o falar de um povo. Isso é um absurdo, pois a língua passa por tantas evoluções e, apesar de toda língua ser regida por um sistema, esta sempre mudará, sendo assim, esse conceito de língua ideal ou perfeita, um conceito ideológico e utópico. Ratificando a afirmação anterior, vejamos:

[...] uma espécie de língua ideal e que resulta da prática de determinados gramáticos, presa à tradição escrita. [Ela] atua ideologicamente sobre as representações que as pessoas têm do que seja a língua e gramática, por força de determinantes históricos e políticos-sociais, estipulando um padrão de correção [...]. (BRITTO, 1997, p. 56)

De acordo com Faraco (2008), norma se concretiza como fenômenos linguísticos no interior de uma comunidade de fala. Vejamos esse conceito de norma mais como uma questão de adaptação à determinada comunidade de fala em que aquele falante está inserido. É a norma que rege em quê âmbito as variantes ou variáveis vão ser utilizadas por um determinado para melhor interação dentro de uma comunidade de fala.

Considerando essas variações que ocorrem na língua como uma evolução, a mesma ainda é vista como um desprestígio, pois se acredita que essas variações podem de alguma forma, acabar com a forma original da língua - uma tese defendida mais por puristas que

afirmam que a língua deve ser imutável, obedecendo a uma série de regências para que assim ocorra o seu uso correto. As formas em variação recebem o nome de "variantes linguísticas". Tarallo (1986, p. 08) afirma que: "variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de *variável linguística*".

Como afirma Mollica (2010), cabe à sociolinguística “investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático” (MOLLICA, 2010, p. 11).

Mollica delimita o foco sobre a preocupação da Sociolinguística com a variação e difere as noções de variante (forma linguística alternativa) e de variável (fenômeno em variação ou grupo de fatores). Ressalta também que cabe à Sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, bem como diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático.

A seleção dos nossos sujeitos para a coleta dos dados foi feita a partir do grau de escolaridade, todavia, alguns sujeitos da pesquisa apesar de nunca terem tido contato com a escola, porém no seu dia-a-dia, conseguem suprir suas necessidades linguísticas na comunidade, mesmo não tendo domínio da escrita ou da leitura. Contudo, “Letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz uso formal da escrita” (MARCUSCHI, 2001, p.25 apud LOPES, 2006, p. 41).

1.3 Variável e Variante Linguística

Com o intuito de caminhar para uma interpretação capaz de abranger os campos da variação e da mudança é preciso, primeiramente, trazer a definição e como se organiza a variação linguística, ou seja, como são delimitados os conceitos de *variável* e *variante linguística*.

Os falantes de uma língua dispõem de várias formas para expressar um referente. Com isso, podemos dizer que um fenômeno linguístico encontra-se em variação quando trás duas ou mais formas para se referirem ao mesmo sentido, conservando seu significado referencial.

Vale a ressalva de que o termo *variável* pode ainda caracterizar os grupos de fatores (linguísticos e extralinguísticos) que dão condicionamento a realização das variantes (MOLLICA; BRAGA, 2004). Nesse caso, são denominadas *variáveis independentes* ou *explanatórias*. As variáveis linguísticas *independentes* ou *explanatórias*, por exemplo, são grupos de fatores de natureza estrutural que podem estar relacionados à seleção de uma das formas em questão. Tem-se, ainda, como *variáveis independentes* ou *explanatórias*, as variáveis discursivas e sociais.

Em todas as comunidades de fala as formas em variação são um fenômeno frequente. Segundo Tarallo (1986):

[...] a essas formas em variação dá-se o nome de ‘variantes’. ‘Variantes lingüísticas’ são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de ‘variável linguística.

Essa variação de formas existentes em um dialeto, ou em uma língua é bastante recorrente, principalmente no dia-a-dia dos falantes inseridos nessas comunidades de fala. Os falantes se utilizam muito desse recurso muitas vezes sendo não intencional e com o intuito da interação ser mais acessível para as pessoas envolvidas no processo.

1.4 UM BREVE HISTÓRICO DA SEMÂNTICA

Até certa época, o estudo da língua portuguesa se restringiu apenas à gramática. Com o passar do tempo, estudos foram sendo desenvolvidos e foi sendo percebido que a linguagem seria bem mais abrangente, possuindo uma série de variedades. A partir dessa percepção, nasceu o interesse pela semântica, que tem como objetivo essencial, o sentido das palavras.

Ao estudarmos a linguagem, vemos que a semântica se produz sociocognitivamente, ou seja, os sentidos se constroem de acordo com as situações. Segundo Guiraud (1972) o sentido de uma palavra é o seu valor semântico, ou seja, é semântica tudo o que diz respeito ao sentido de um sinal comunicativo, especialmente aquilo que se refere às palavras.

A semântica por excelência [...] estuda as palavras no seio da língua: que é uma palavra, quais são as relações entre a forma e o sentido de uma palavra, e as relações entre as palavras, como asseguram elas a sua função? Etc". (GUIRAUD, 1972, p. 8-9).

Define-se Semântica como o estudo dos significados das línguas. O vocabulário adquirido, a forma como pronunciar as palavras, como construir palavras e sentenças, são alguns dos conhecimentos que o falante de determinada língua possui de sua gramática. Visto isso, iremos analisar os eventos de fala que compõe nosso corpus, para identificar exatamente como ele constrói as palavras e sentenças de acordo com o contexto e com sua necessidade de fala.

As teorias semânticas assumem dois problemas essenciais para dar suporte aos seus estudos; são eles: o sentido e a significação.

A significação é “o processo que associa um objeto, um ser, uma noção ou um acontecimento a um signo capaz de os evocar”. (GUIRAD, 1972, p. 15). A significação se utiliza então do signo como algo desencadeador para que ocorra outro significado. Nas nossas análises trabalharemos muito a questão da significação, pois veremos que várias das expressões usadas evocam a algum acontecimento ou a algum significado associado a uma situação, objeto etc.

São atribuídos significados para as palavras de acordo com seu contexto. Para Guiraud (1972), as palavras por si só não tem sentido. Daí a importância do contexto e a relação intrínseca entre palavra e contexto.

No ato da comunicação, a função semântica é exercida pela significação, função esta que é fundamental por se tratar dos sentidos. Investigaremos as origens e efeitos da

significação na linguagem de um grupo de falantes do bairro Matias do município de Elesbão Veloso Piauí.

E seguindo o raciocínio de Guirraud, mostraremos a relação tênue entre o sentido atribuído a cada variante de acordo com o contexto sociocultural da citada cidade. Temos como exemplo, as expressões “**como rapaiz**” e “**moça**”, que dicionarizadas têm sentidos que diferem dos sentidos contextuais daquela comunidade.

1.5 O DILEMA DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO

No referente trabalho, visaremos a coleta e o estudo das variáveis linguísticas, para explicitar, como dito anteriormente, a importância dessas variáveis para a manutenção cultural, social e linguística desse povo.

Movidos por esse objetivo, mostrar que essas variantes não são consideradas pela gramática normativa, explicitaremos o que Bagno, defende acerca desse conceito de certo ou errado. Quem nunca viu alguma pessoa, menos escolarizada ou de cunho econômico precário, proferindo alguma palavra “estranha”, “desconhecida”?

Muitas pessoas ainda discriminam outras pessoas, que por não conhecerem a tão famosa “norma padrão da língua”, acabam desconsiderando outras variáveis linguísticas incomuns a elas, justamente por questões sociais econômicas e outras, tornando-se assim motivo de chacota e piadinhas. Com isso podemos perceber que essa questão do preconceito linguístico acaba estigmatizando o português brasileiro. Vejamos uma das explicações que Bagno (2009) nos mostra sobre esse preconceito:

[...] Os brasileiros urbanos letrados não só discriminam o modo de falar de seus companheiros analfabetos, semianalfabetos, pobres e excluídos, como também discriminam o seu próprio modo de falar, as suas próprias variedades linguísticas.

Bagno nos traz a afirmação de que as pessoas que repudiam o modo de falar das pessoas menos escolarizadas e de poder econômico desfavorável discriminam também as suas próprias variedades linguísticas. Entramos a partir daí no uso dos registros linguísticos, pois a partir da situação de fala, ou da comunidade de fala, o falante vai selecionar como e o quê vai falar para adequar-se a essa situação, havendo aí uma variação na língua, variação esta repudiada em outros falantes.

Sobre o preconceito linguístico, tivemos a oportunidade de conversar com o linguista Marcos Bagno, que muito foi citado no trabalho, em que lhe fizemos algumas perguntas

referentes a essa temática. O intuito dessa entrevista é mostrar o quão importante é estudar esse viés, ainda mais quando a pesquisa acontece em cidades pequenas do interior (como realizado no trabalho) para mostrar que essas palavras, expressões e variáveis ocorrentes naquela região são de suma importância para o conhecimento da sociedade e da cultura daquele povo.

A entrevista foi realizada no SALIPI deste ano, que ocorreu na UFPI, onde um dos palestrantes era Marcos Bagno. Tivemos a oportunidade de esclarecer algumas dúvidas e reafirmar algumas certezas que estamos buscando com a pesquisa deste trabalho. Com o intuito de esclarecer melhor o pensamento de Bagno, mostraremos a entrevista na íntegra:

Pesquisador: De que forma as variáveis linguísticas exercem influências para a manutenção das raízes culturais e históricas de um determinado povo?

Bagno: A maneira de falar de uma comunidade representa um dos elementos mais importantes, talvez “o” elemento mais importante, da própria identidade daquela cultura ou daquela comunidade, então os modos de falar que são próprios de uma comunidade, têm esse valor muito grande de estarem entremeados com tudo que diz respeito aos outros aspectos culturais, então as crenças religiosas, o folclore, as tradições, a culinária, a música tudo isso faz um grande conjunto de elementos que caracterizam uma cultura e claro, o modo específico de falar daquela comunidade faz parte disso.

Pesquisador: O que é e em que consiste o preconceito linguístico?

Bagno: O preconceito linguístico é uma atitude que a pessoa tem em relação ao modo de falar de outra pessoa ou de outro grupo social. O preconceito é uma atitude pessoal. Quando ela se transforma no ato, ela vira uma discriminação. Então, o preconceito em si não tem como ser combatido por que ele é uma crença subjetiva da pessoa. Agora a discriminação, que é colocar esse preconceito em prática, é isso que a gente precisa denunciar e combater. E o preconceito linguístico é basicamente isso, é uma forma de considerar que existe somente uma forma correta de falar e que todas as outras são desprestigiadas e que isso acaba contribuindo muito para a exclusão das pessoas.

Pesquisador: Por que essa ideia, por parte de puristas, de que variantes, dialetos e todas as formas que fogem ao padrão da língua são consideradas erradas?

Bagno: Essa é uma tradição muito antiga. Ela começa 300 anos antes de Cristo, quando surge exatamente a disciplina que chamamos de Gramática, então é quando pela primeira vez, uma língua vai ser transformada em objeto de ensino, vai ser descrita é o caso da língua grega, e esse modelo de gramática que só considera a produção literária consagrada vai se enraizar ao longo da história do Ocidente, então nós precisamos conhecer essa história para fazer uma

análise bem interessante do fenômeno. Então é uma tradição longa que se baseia na ideia de que só a língua de um grupo restrito de pessoas da sociedade merece ser estudada, merece ser valorizada.

Pesquisador: Por que estudar e defender tão arduamente o preconceito linguístico? Por que esse assunto levanta tanta polêmica?

Bago: Justamente porque durante muito tempo, as pessoas simplesmente não se davam conta de que existe uma discriminação que se faz por meio da linguagem. Então as pessoas falam muito dos outros preconceitos que existem na sociedade, mas a discriminação que se pratica por meio da linguagem, sempre ficou muito marginalizada, as pessoas não se davam conta disso, então de uns tempos pra cá, principalmente os linguistas, tem começado a levantar essa questão e chamar a atenção das pessoas para isso, que é preciso reconhecer a existência dessa forma de discriminação e criar mecanismos que a impeçam e a denunciem, de forma que seja combatida.

1.6 DESBRAVANDO ELESBÃO VELOSO

O município de Elesbão Veloso – Piauí, localiza-se a 160 quilômetros de distância ao sul de Teresina na região do médio Parnaíba, apresenta clima tropical e semi-árido com uma vegetação que mistura-se entre cerrado e caatinga.

A cidade que é hoje começou a se formar a partir de uma feira comercial, que se organizava na beira de um riacho, o riacho Coroatá, mais precisamente no ano de 1918. A feira foi crescendo mais e mais atraindo mais pessoas para morarem ali. Com esse impulsionamento da economia, começou a se formar um pequeno povoado, o povoado Coroatá, que foi o primeiro nome da referida cidade.

Graças ao sensível desenvolvimento comercial da feira, as construções de prédios se sucediam e o número de comerciantes crescia, formando logo, um povoado de futuro promissor. [...] O progresso impulsionava o povoado que, àquela altura, já contava com 800 habitantes, aproximadamente. (CELINA, 2003, p. 20).

Em 1936 a Agência Postal Telefônica do Departamento dos Correios e Telégrafos foi instalada em Coroatá. O grande responsável por tanto desenvolvimento naquele pequeno povoado, era o valenciano Elesbão de Castro Veloso. Admirado por todos que moravam ali, e como um ato de respeito e reconhecimento ao que esta célebre pessoa tinha feito por todos

que moravam ali, resolveram após a inauguração da agência, mudar o nome de povoado Coroatá, para Elesbão Veloso.

Em 30 de Setembro de 1943, uma capela foi formada com a imagem de Santa Teresinha do Menino Jesus, onde ao seu redor, também, a cidade foi desenvolvendo-se mais e mais, sendo esta santa a padroeira da terra. Há na cidade, também, várias igrejas evangélicas. Há vários comércios, dois bancos, um mercado público, uma prefeitura, secretaria de saúde e outros órgãos que compõem a cidade.

Algumas casas em Elesbão Veloso, não possuem muros à sua frente, sendo somente uma calçada, fato que facilita a conversação com quem passa na rua. Lembrando que essas informações são somente para efeito de relevância do trabalho, já que a pesquisa aconteceu na referida cidade.

Atualmente a cidade possui em torno de dezesseis mil habitantes. A zona rural da cidade é dividida em noventa e seis comunidades e conta com uma agricultura que se baseia na plantação de: arroz, milho, feijão, algodão, mandioca e atividades pecuaristas.

Na literatura, a cidade tem pessoas bastante conhecidas, com produções literárias belíssima, sendo uma cidade de intenso valor literário. Nomes como José Cláudio, Antônio Rodrigues, Maria Celina, Jeovane Santos, Sussú do Piauí, Dgilvan Paz entre outros, destacam-se no cenário cultural da cidade.

2 MÉTODOS ETNOGRÁFICOS

Depois de explicitar as teorias norteadoras do referente trabalho, adotamos o tipo de pesquisa que mais se encaixa nos moldes do perfil do nosso trabalho. Para atingir nosso foco principal, revelar, registrar e analisar as variantes linguísticas usadas nos meios de interação por meio da fala, utilizaremos da etnografia. Para isso, vejamos um pouco sobre os objetivos da pesquisa etnográfica:

Os objetivos centrais da descrição etnográfica na pesquisa sociolinguística são documentar e analisar aspectos específicos das práticas da fala, da maneira como se situam na sociedade em que ocorrem. O foco de atenção recai simultaneamente, então, nas situações sociais de uso, nos hábitos comuns e persistentes de uso e na organização linguística e comportamental específicas deste uso. (ERICKSON, 1988, pág.1)

Compreendemos assim, que a etnografia é o método mais adequado para a análise das variantes e compreensão do mecanismo da fala, como se dá o seu contexto sociocultural e o seu significado em determinada situação de fala. Este método é de suma importância e relevância para nossa pesquisa, pois o pesquisador estará inserido nas comunidades de fala podendo assim extrair significados que não são captados diretamente dos falantes e perceber também as influências sociais e histórias que norteiam o povo de Elesbão Veloso PI a utilizarem determinadas escolhas de palavras.

Conforme Erickson (1988), a palavra Etnografia tem o sentido real de “escrever sobre o outro” e foi criado no final do século XIX para dá um caráter científico as narrativas sobre a vida de povos não ocidentais. A etnografia registra as ações das pessoas quando falam e ainda descreve especificamente a fala e as situações de uso (ERICKSON, 1988).

À luz de Hymes (1974), podemos, por meio da etnografia da fala, compreender e explicar o que essa fala representa e que visão de mundo ela trás consigo. A fala é favorecedora das relações sociais, pois não depende de aspectos socioculturais e linguísticos. Para explicitar essa interdependência, utilizamos da abordagem etnográfica com uma participação assídua nas atividades da comunidade, para uma clara percepção dos eventos sociolinguísticos ocorrentes naquela comunidade de fala.

Assim, os usos, as finalidades e os significados das variantes linguísticas que fazem parte da linguagem de um grupo de falantes do bairro Matias da cidade de Elesbão Veloso PI, estão situados e se encaixam nos moldes da etnografia, método norteador da nossa pesquisa. Vale ressaltar que outros aspectos exercem influência para o bom andamento da pesquisa,

como por exemplo, o fato do pesquisador está inserido na comunidade, ter residência fixa, ter uma ligação muito próxima com todos, tudo isso contribui para uma interação maior com os sujeitos da pesquisa.

Fica claro que a língua, nas comunidades de fala pesquisadas em Elesbão Veloso PI, promove a interação social estabelecendo relações sociais, sendo que as variantes daquela região são faladas por todos, mas percebemos uma marca mais forte e identitária em pessoas de baixa renda e de baixo estrato social. “O maior número de diversidade linguística se encontra ao nível de populações locais, tribais, camponesas ou classes urbanas de baixa renda.” (GUMPERZ, 1972, p.229).

Adotada esta postura, mostramos a importância de que os estudos da variação da fala não podem ser vistos isoladamente, pois os fatos linguísticos são constituídos de valores históricos, sociais e culturais.

Etnografia no dizer de Fetterman (1989, p.11) “é a arte e ciência de descrever um grupo ou cultura”. Para isso a seleção dos sujeitos foi feita de forma aleatória. Contudo adotou-se uma metodologia investigativa, por meio da pesquisa etnográfica como sendo um procedimento do tipo teórico prático adotado em pesquisas de cunho sociais, para que observações sejam realizadas.

A pesquisa foi qualitativa, exploratória e de caráter etnográfico. A abordagem qualitativa foi a escolhida, pois busca apresentar e definir os elementos de uma situação e de suas interações, dando ênfase à suas influências. O processo de coleta de dados ocorreu no campo de pesquisa, isto é, no bairro Matias da cidade de Elesbão Veloso-PI, onde foram analisados quatro sujeitos de diferentes graus de escolaridade. As ferramentas utilizadas para a coleta de dados serão observação in locus da fala dos sujeitos, selecionados a partir de eventos de fala gravados, posteriormente transcritos para o papel e em outra etapa digitado no word. A outra etapa foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, caracterizadas como um tipo de entrevista mais espontânea em relação à estruturada, em que o entrevistador traz consigo algumas perguntas predefinidas que servirão como diretriz, no entanto possui liberdade para colocar outras perguntas, caso surja algum interesse no decorrer da pesquisa.

A escolha dos sujeitos se deu a partir do grau de escolaridade, dado que as expressões que serviram para análise dessa pesquisa são recorrentes em sujeitos aos quais possuem um grau de escolaridade o qual, fazendo alusão a uma escala gradativa, oscila do nível mais alto ao mais baixo. Os eventos de fala foram observados tanto de maneira menos espontânea, através das perguntas nas entrevistas, quanto em situações mais espontâneas nos mais variados eventos de fala.

Os passos adotados para atingirmos os objetivos da pesquisa foram, primeiramente, entrarmos em contato com os sujeitos, sendo que a realização da pesquisa foi consentida pelos próprios. Logo após, realizamos inicialmente algumas visitas às casas desses sujeitos com a finalidade de observar o comportamento linguístico dos mesmos, acompanhando-os nas suas experiências de fala para identificar as expressões próprias que vão servir para o cumprimento dessa pesquisa. Tal identificação foi feita através da observação e análise das variantes dos sujeitos de diferentes graus de escolaridade: dois sujeitos possuem Ensino Médio completo, um frequentou a escola até a quinta série do Ensino Fundamental e o último sujeito analisado não teve nenhum contato com o ambiente escolar.

Dessa forma, após a seleção dos sujeitos, coleta das falas através do instrumento de captação de voz, transcrição e análises dos eventos de fala, pretendemos cumprir com êxito o objetivo primordial da pesquisa: analisar como o Piauiês está inserido na comunidade de fala do bairro Matias em Elesbão Veloso PI, a fim de que possamos trazer uma reflexão de como se dão essas variantes e como as mesmas são recategorizadas semanticamente pelos próprios falantes.

2.1 DESCRIÇÃO DA COMUNIDADE DE FALA DO BAIRRO MATIAS EM ELESBÃO VELOSO PI.

Os procedimentos adotados na coleta de dados de uma pesquisa etnográfica, descritiva, de caráter qualitativo, são colocados aqui. Escolhemos a abordagem qualitativa, pois este método busca descrever os componentes de uma situação e de suas interações, levando em conta suas influências. Esta pesquisa foi realizada com quatro sujeitos moradores do município de Elesbão Veloso, do bairro Matias, objetivando identificar, descrever e analisar as variantes linguísticas mais recorrentes no uso da fala desses sujeitos, nos momentos de interação levando em consideração o seu contexto.

Visando a observação da comunidade de fala do bairro Matias, em Elesbão Veloso-PI, para constatar o resultado de nosso trabalho, nos apropriaremos dos métodos etnográficos, observando essa comunidade intimamente, durante o período de duas semanas. Vale ressaltar que como o pesquisador tem família na cidade e é constante a sua ida a comunidade, facilitou a inserção do pesquisador para a realização da pesquisa nessa comunidade.

A escolha dessa comunidade e da cidade foi feita por uma questão de a comunidade possuir um aporte linguístico cultural intenso, em que o Piauiês é bem ocorrente na comunidade, sendo assim, de suma importância para a pesquisa.

Com papel ativo na comunidade observada o pesquisador inseriu-se na comunidade para realizar observações e gravações de voz, das interações linguísticas dos participantes dessas comunidades. Logo mais, foi realizada uma pequena entrevista semiestruturada com os quatro participantes da comunidade, com perguntas relacionadas ao cotidiano desses participantes, bem como assuntos da atualidade, tendo por fim, a análise das gravações, para assim, obtermos as características de fala importantes ao nosso trabalho também observar como aquelas características influenciam na cultura daquele povo.

Feito a entrevista e as interações correspondentes, por meio de uma descrição minuciosa, iremos analisar todas as informações recolhidas por meio das gravações feitas por nós, a fim de obtermos os dados necessários para a nossa pesquisa, realçando que essa análise é de suma importância para a área da sociolinguística variacionista, já que visa a observação da fala como ela é, e em seu uso real, focando características dialetais daquelas comunidades selecionadas.

É pertinente lembrar que todas as conversas foram espontâneas e nenhuma foi idealizada, sendo ocorridas em situações interacionais nos fazendo perceber e compreender como ocorrem as formas comunicativas expressando um caráter social.

3 ANÁLISE DO CORPUS

Nesta seção, trataremos do conhecimento, análise e compreensão das várias palavras encontradas nas situações de interação com os falantes estudados, pertencentes à comunidade do Bairro Matias em Elesbão Veloso PI. É aqui que veremos e analisaremos na íntegra o objeto de estudo recolhido por meio de gravações feitas pelo pesquisador. As análises são interacionais do ponto de vista linguístico, extralinguístico e semântico, ficando de fora as variações fonéticas, sendo pertinentes apenas se necessário para se descobrir a semanticidade da palavra.

Para base das análises, utilizaremos Gumperz e Hymes (1972), mostrando-nos a significação social nas estruturas linguísticas dentro de determinado contexto em momentos de interação. Também utilizamos Guiraud (1972), onde nos fala que as palavras não tem sentido por si sós, precisam de um determinado contexto ou situação para produzirem um significado pertinente. Essas palavras tem o emprego visto que o seu sentido mantém relação intrínseca entre palavras e contexto. Todos esses pressupostos podem ser observados no decorrer das análises.

EVENTO 01

Evento: Conversa informal no ambiente de trabalho do sujeito. (Sujeito do sexo masculino com quarenta e seis anos)

Ambiente: Local de trabalho do sujeito **JP**

Participantes: Pesquisador e sujeito **JP**.

Esse evento foi uma conversa que se sucedeu no ambiente de trabalho do sujeito **JP**, na igreja.

Pesquisador: E o **LP** ainda viu ele?

Sujeito JP: Hoje já me ligou duas vez.

Pesquisador: Falando o quê?

Sujeito JP: Nada, amanhã ele tá de folga amanhã.

Pesquisador: Vai virar padre mesmo?

Sujeito JP: Vai não, o Lucas não quer não.

Pesquisador: Ele disse que queria ser diácono.

Sujeito JP: Mais diáco não pode... se ele entrar como diáco só pode entrar com 35 ano e outra, depois dele entrar na diaconia, ele não pode casá se ele tem vontade de casá ele não pode casár. você ser casado tudo bem, mais se ele entrá **como rapaiz**, ele não pode.

Aqui nos deparamos com uma situação bem interessante. Não temos muita dificuldade para perceber o que a expressão utilizada significa, sendo algo compreensível para alguém que não faz parte daquela comunidade.

Notamos que **JP** responde ao **Pesquisador** usando a expressão “**como rapaiz**”, sendo uma expressão muito utilizada naquela comunidade. De início, vejamos o significado da palavra **rapaz**, que segundo o dicionário eletrônico Houaiss que nos traz no verbete 4, significa homem adulto, mas ainda jovem. Porém, percebemos no contexto da situação que o sujeito usa o **como** antes da palavra **rapaz** para fazer uma espécie de comparação de acordo com seu estado civil, ou seja, solteiro. Então o sujeito **JP** faz um novo uso da palavra rapaz para dizer que o sujeito **LC** é solteiro.

A partir do corpus analisado percebemos a teoria de Guiraud (1972, p. 8-9) que fala da relação entre forma e sentido das palavras mediadas pela semântica linguística que trata dos aspectos tanto psicológicos quanto lógicos e linguísticos.

Na expressão analisada, percebemos que não há uma questão de estranhamento, mas o que há é uma readaptação do uso da mesma. Como dito anteriormente, a palavra quer dizer “homem jovem”, mas no contexto da interação, a palavra junto com o “como” gerou outro sentido, que indica que o indivíduo de quem se estava falando era “solteiro”. Na comunidade, essa readaptação é comum, bem como em outras palavras. Não há problema na comunicação entre os falantes por causa disso, muitos pelo contrário, as pessoas que participam da interação se utilizam muito bem dessa readaptação semântica e entendem a ideia que o interlocutor quer transmitir. Percebemos então que por meio de um conhecimento comum a todos da comunidade, há um êxito na interação entre os indivíduos, sendo assim, a semântica da palavra foi readaptada. Em conformidade com Sousa (2013, p. 89) temos que “[...] A Semântica não pode sempre, por si só, identificar todos os significados de uma palavra.”.

Essa “competência comunicativa do falante” como nos disse Hymes (1972), é de suma importância, pois abarca um conjunto de regras que norteiam a comunidade de fala de Elesbão Veloso PI e segundo Gumperz (1982), interpretá-las é uma questão de praxe social.

EVENTO 02

Pesquisador: E a tia Alzirinha ainda viu?

Sujeito JP: ela andou lá hoje.

Pesquisador: ela ainda tá na frente do grupo de acólitos?

Sujeito JP: ela agora tá só com coroinhas, ela agora não tá mais com catequese mar não.

Pesquisador: só com coroinha né?

Sujeito JP: Graças a Deus, purquê ninguém pode fica em duas função não.

Pesquisador: mais é melhor assim mesmo.

Sujeito JP: né não?

Pesquisador: é sim

Sujeito JP: catequese dá trabai de mais **mermão**.

Aqui já vamos observar variáveis conhecidas pelo dialeto piauiense. A primeira é a velha pergunta: “**né não**”? A seguinte variante ocorre com uma frequência bem grande no Piauí podendo ser uma variante própria desse dialeto. A expressão é uma supressão da expressão “**não é não**?” que se torna recorrente na fala do povo desse Estado.

No contexto utilizado, quando o pesquisador faz a pergunta, o sujeito como forma de responder positivamente à indagação, curiosamente realiza outra pergunta para responder a pergunta realizada. Pode causar estranhamento em pessoas que não fazem parte da comunidade ou que desconheça a expressão, mas assim como a variante analisada anteriormente e as que ainda vão ser analisadas, para as pessoas da comunidade e também para as pessoas em que o dialeto Piauiês é comum e há a perfeita compreensão no decorrer da interação. Somente a palavra “**né**”? também é muito utilizada no Piauí para responder e concordar a uma pergunta.

Já a outra expressão é “**mermão**” também muito utilizada no dialeto Piauiês e que é uma supressão da palavra “**meu irmão**”. Essa variante é bem comum em outros estados do Brasil, especialmente os da região Sudeste, e em Elesbão Veloso pode ter sido trazida por residentes de São Paulo que eram residentes do município e que vão com frequência para Elesbão, seja por férias, visita à família etc. No contexto, como o pesquisador é do sexo masculino, ela é utilizada no masculino, mas também, essa expressão varia de acordo com o sexo do interlocutor. No caso se a pesquisa fosse realizada por uma mulher, a variante passaria a ser “**mermã**”.

Vejamos que nos dois casos não precisamos recorrer à cultura ou à inferências para saber o significado das expressões. A semântica por si só já nos remete o significado da palavra.

EVENTO 3

Pesquisador: o que tu acha desses candidato a prefeito?

Sujeito JP: Paia de mais, tu é doido rapaiz!

Aqui nos deparamos com uma expressão bem típica no Piauí. “**Paia demais, tu é doido rapaiz!**”. A palavra “paia” tem vários significados como “ruim”, “feio” ou “péssimo” e pode ser entendida, como nos diz Calvet (2002) como uma gíria “gerando assim a produção de várias formas linguísticas dentro de um contexto sociocomunicativo”. (SOUSA, 2013, p. 91). Essa

expressão está inserida no interior da comunidade estudada sendo bem frequente. A palavra “**rapaiz**”, aqui nesse contexto, já é utilizado em sentido contrário ao do evento de fala 01, em que o sujeito utiliza a variante para se referir ao estado civil do sujeito de que o mesmo falava. Já aqui nessa situação, o sujeito utiliza a variante em seu sentido real, que é **rapaz** no sentido de ser homem adulto, porém jovem, segundo o dicionário Houaiss eletrônico. A expressão como um todo pode ser entendida como um superlativo de “**ruim**”, ou em determinadas situações a palavra “ruim” pode substituir a palavra “paia” na expressão, varia muito do contexto, dos interlocutores bem como outros fatores como, nível de escolaridade, nível social etc.

EVENTO 4

Sujeito JP: o padre que foi embora me chamou pra ir embora com ele pra trabaiá com ele

Pesquisador: e tu não foi por quê?

Sujeito JP: Meu pai né **sadí** não, tá doente.

Pesquisador: E a fulana ainda falou com ela?

Sujeito JP: Eu antes tinha aquele **licute** com ela, chegava, abraçava, mais hoje a gente nem se fala. **Eu entrego pá Deus**

Na primeira variante “**sadí**” podemos ver que houve uma supressão da palavra “**sadio**”. Tanto aqui na comunidade como em outras partes do Piauí, a expressão é utilizada para designar uma pessoa em perfeito estado de saúde. No dicionário Houaiss eletrônico o significado da palavra “sadio” aparece no verbete 2 e nos diz “que é bom para a saúde; saudável”. Sendo assim há uma readaptação da palavra, mas que não perde o seu conteúdo semântico, embora escrita e falada de outra maneira.

Já a palavra “**licute**” não é usada com tanta frequência na comunidade. “**Licute**” significa uma relação próxima. No contexto utilizado, o locutor quis passar que tinha uma aproximação bem íntima com a pessoa referida na interação.

EVENTO 05

Evento: Conversa informal na calçada da casa do sujeito **CM**.

Ambiente: Casa do sujeito **CM**.

Participantes: Pesquisador e sujeito **CM**. (Sujeito **CM** do sexo feminino com setenta e três anos)

Esse evento foi uma conversa que se sucedeu na porta da casa do sujeito **CM**.

Pesquisador: E como é que a senhora tá?

Indivíduo: Tô mar mió meu fí, que a coisa ruim era só esse juêi

Pesquisador: e cadê seus outros filhos?

Indivíduo: tão por aqui não, povo da gente **desaba pu mundo**, não dão nem notícia

Na interação o sujeito **CM** utiliza a expressão “**desaba pu mundo**” para dizer que seus filhos foram embora. Não temos dificuldade para entender a semântica da palavra, pois de acordo com seu contexto e através de pistas inferenciais, fica claro o seu significado. Segundo Gumperz (1982), estas pistas fornecem informações à medida que o processo interativo vai acontecendo e os significados fazem parte desse processo. É uma expressão bem antiga, mas que ainda é usada, não com tanta frequência, pela comunidade de fala determinada.

EVENTO 06

Em uma situação de contação de história, o sujeito **CM** conta como procedeu ao seu casamento:

Sujeito CM: Vi meu marido 3 vez: numa festa, no dia que ele pediu em casamento e no dia que eu casei, só 3 vez. Ai quandi botaru ur nome que ele trouxe, ur nome que o padi era daqui e o padi **dizia a missa** na casa de um tí meu lá onde nois morava todos us ano. Ai a gente foi pá uma festa e eu fiquei na sala e o povo me chamando pá dançar e me querendo. Ai eu fui foi deitar porque eu tava casada. Eu tinha casado onti **pá bem dizer** e lá tinha um **horror de gente**. Ai eu dancei **treis parte** com o Paulo da tia Ana e cum o Birá. Ai o homi pensava que eu era **moça** e o rapaiz ficou doido e o marido lá vendendo cachaça no butiquim.

Aqui vemos uma variedade muito grande de variantes. A primeira delas é “**dizia a missa**” que no contexto significa “rezar a missa”. O sujeito por seleção utiliza a palavra **dizia** em substituição a palavra “reza” escolha que hoje em dia é mais comum a pessoas com idade mais avançada naquela comunidade.

Outra expressão utilizada foi “pá bem dizer” que no contexto explícito significa “praticamente”. É outra expressão antiga, mas que ainda permanece no vocabulário dessas pessoas, em especial das pessoas mais velhas. A terceira expressão que nos chamou a atenção foi “horror de gente”. É ambíguo o significado dessa expressão, visto que uma de suas interpretações pode ser pessoa que está ou tem medo de outra. Mas no contexto empregado essa expressão assume outro papel, o de intensidade. No contexto o indivíduo analisado empregou-a no sentido de que tinha muita gente na festa. Logo depois, podemos constatar

uma variante que já caiu em desuso no dialeto Piauiês, mas que algumas pessoas idade avançada ainda utilizam, como é o caso do indivíduo aqui analisado. “Treis parte”, como disse o indivíduo, significa três músicas. Em tempos atrás, as festas aconteciam ao som de “radiolas”, à luz de lamparinas e cada música, era chamada de “parte”, daí o uso de “parte” por o próprio nome “música”.

A última variante utilizada pelo sujeito **CM**, já foi analisada e vista na fala do indivíduo anterior e descrita. “**Moça**”, que segundo o dicionário Houaiss eletrônico no verbete 3, significa mulher madura, mas não velha. Aqui, assim como na outra análise já realizada com outro sujeito, ela que se referenciar ao estado civil, que no caso ela se utiliza da palavra para dizer que é solteira.

EVENTO 07

Pesquisador: e as politica?

Indivíduo: meu fi num sei de politica... ai tem tanto candidato que tão só pá **fazer volume**

Essa expressão, não tão comum, faz parte também do vocabulário que está caindo no esquecimento nessa comunidade. Pelas observações feitas, essa expressão “fazer volume” quer dizer “por acaso”, estão ali “só por estar”. Ao utilizá-la ao pé da letra, significa fazer volume, ocupar espaço e isso que o indivíduo quis dizer com a expressão. Os sujeitos daquela comunidade utilizam essas expressões não de forma avulsa, mas de acordo com o contexto envolvido. Eles não têm propostas e nem compromissos linguísticos por meio da fala, adequando sua forma de falar à ideia que se quer repassar. O uso dessa variante é mais constante em sujeitos de idade mais avançada, sendo bem menos frequente seu uso.

EVENTO 08

Evento: Conversa informal nas casas dos sujeitos **FL** e **JD**.

Ambiente: Casa do sujeito **FL** e casa do sujeito **JD**.

Participantes: Pesquisador, sujeito **FL** e sujeito **JD**. (Sujeito **FL** do sexo masculino com vinte e um anos de idade, e sujeito **JD** também do sexo masculino com 21 anos de idade)

Sujeito FL: eu já matei um desse ai nu mato

Pesquisador: como foi?

Sujeito FL: rapaiz... a gente tava no mato caçando peixe num riacho, ai eu tava **fachiando** quando a gente viu um desse ai **dando rata** ai quis avançar na gente ai eu matei ele.

A expressão “fachiando” não é tão comum na fala recorrente da comunidade, mas ocorre, mesmo que dificilmente. A palavra “fachiando” vem do ato de fachiar, que significa usar uma espécie de tocha típica do nordeste, para iluminar uma noite de pesca para também acordar os peixes debaixo d`água e assim fique mais fácil sua captura

A expressão “dando rata” é uma gíria comum em Elesbão Veloso e significa “dando bobeira”, e utilizada quando alguém “erra” alguma coisa etc. Há uma variação para essa palavra que é “rateiro”, bastante utilizada pelos jovens em Elesbão para referirem-se a uma pessoa abobalhada e que fala muita bobagem. A expressão proferida pelo sujeito **FL** pode ser uma expressão própria do linguajar piauiense, visto que nunca foi observada sua ocorrência em outros lugares.

EVENTO 09

Estávamos assistindo um filme, em que um ator morre. Ao ver a cena, sujeito **FL** fala ao

Pesquisador: Esse ai **desceu nas corda**

Logo em seguida, passa na porta da casa um amigo em comum, e fica conversando com o sujeito **FL**, que profere:

Indivíduo: Rum deixa de falar **haresia** ai minino que eu quero assistir o filme

A primeira é uma variante bem peculiar. “**Desceu nas corda**” significa morrer, e pelo contexto da situação, os interagentes dessa comunidade não têm problema para se utilizarem do significado da mesma. Já em “haresia” o seu significado é meio complicado para a compreensão, se não for levado em consideração o contexto. Tanto no contexto da interação como no da comunidade de fala, “haresia” significa besteira.

Em todas as variantes analisadas podemos perceber o processo inferencial de Gumperz (1982) para as suas devidas interpretações. Em todos os casos, fica muito clara a importância do contexto discutido por Hymes (1972), que enfatiza que ele pode determinar o sentido das palavras.

EVENTO 10

Esta situação ocorre na casa de um amigo do sujeito **FL** situação em que o sujeito **FL** conversa com seu amigo **JD**. Nesse evento os dois sujeitos serão observados:

Nessa situação, o sujeito **FL** conta uma história para todos sorrirem, porém, o sujeito **JD** não ri da história e logo, o sujeito **FL**:

Sujeito **FL**: Ô abestado! Sabe nem **mangá**...

Pesquisador: Foi massa, o aniversário do Thierry que teve naquele tempo aqui

Sujeito **JD**: Tu é doido! Ali teve **fartí**

Pesquisador: Tu não vai me contar a história de ontem não?

Sujeito **JD**: Vou nada! O caba tem que andar é **encaliçado** mermo

Estávamos falando do pai do sujeito **FL** quando o mesmo fala:

Sujeito **FL**: O Bené sabe de **presepada**...

A palavra “mangá” já se tornou uma marca linguística palavra própria do Piauiês. “Mangá” significa fazer chacota, galhofa, fazer caçoada. É bem comum a utilização dessa variante do verbo mangar sendo bem frequente entre pessoas de diferentes faixas etárias. Outra palavra bem comum utilizada na interação foi “fartí” que é uma redução da palavra “fastio” que quer dizer estar com falta de apetite, mas no contexto utilizado o sujeito **JD** usou a variante para dizer que no aniversário teve pouca comida. “Encaliçado” é a próxima palavra e tem um significado no contexto bem diferente do habitual, podendo se referir a própria formação de “calos” ou, segundo o dicionário Houaiss, ao ato de “espalhar calíça sobre”. Na situação exposta, a palavra assume outro significado, no caso o de a pessoa ser “quieto”, “na sua”. Uma pessoa que seja alheia ao momento da interação e que desconheça essa variante e seu outro significado poderá ter dificuldades para a interpretação do enunciado. Já a palavra “presepada”, assim como algumas outras variantes analisadas são bem comuns e pertencem ao dialeto do Piauí e significa “palhaçada”.

3.1 CATEGORIZAÇÃO DAS VARIANTES ANALISADAS

Mostraremos agora um quadro categorizando as variantes analisadas de acordo com as especificações que buscamos tratar.

| INOVAÇÕES DE SENTIDO SEGUNDO O CONTEXTO | GÍRIAS ESPECÍFICAS DA COMUNIDADE |
|--|---|
| Desceu nas corda | Dando rata |
| Dizia a missa | Paia demais tu é doído rapaiz |
| Moça | Mermão |
| Rapaiz | |
| Licute | |
| Sadí | |
| desaba pu mundo | |
| pá bem dizer | |
| treis parte | |
| horror de gente | |
| fazer valume | |
| Fachiando | |
| dando rata | |
| Haresia | |
| Mangá | |
| Encaliçado | |
| Fartí | |
| Presepada | |

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas variantes podem ser classificadas como “português errado ou ruim” por parte da gramática normativa ou por puristas da área, seguem parâmetros sociais, históricos e culturais nas determinadas interações sociais. À luz de Costa (2000), esses falantes sabem quando e como usar as variantes aqui identificadas. “Elas não são utilizadas aleatoriamente, mas seguem uma lógica ditada pelo convívio social e obedecem a regras que são do domínio destes falantes específicos”. (SOUSA, 2013, p. 112).

Desde o início dessa pesquisa procuramos, por meio da pesquisa etnográfica e de campo, verificar a ocorrência do Piauiês vendo de que forma está inserido na comunidade e podendo perceber se algumas dessas variantes podem ser ou não próprias daquele local, vendo também a adequação às convenções estabelecidas pelo contexto sociocultural e histórico.

Cada evento de fala aqui analisado revela a importância de conhecermos o processo de formação das palavras no estudo das variações linguísticas, do ponto de vista semântico e, sobretudo sob a perspectiva sociointeracionista, que forneceu o pano de fundo de nosso estudo.

Podemos levar em consideração que todos os objetivos da pesquisa foram alcançados, visto que conseguimos observar e descrever como o Piauiês ocorre naquela comunidade e como o preconceito linguístico ocorre sobre essas variantes. Esse dialeto está inserido na comunidade por meio de gírias, expressões e palavras próprias do dialeto estudado.

A sua ocorrência entre os indivíduos é muito relativa à questão sociocultural, de faixa etária e de grau de escolaridade, no entanto nessa pesquisa, demos prioridade ao grau de escolaridade. Os diversos sujeitos envolvidos na pesquisa utilizam muito bem a competência comunicativa, onde no contexto da interação, se utilizam dessas variantes para se comunicarem sem problemas. Isso se dá por um conhecimento compartilhado entre os participantes dessas comunidades: compartilham a mesma cultura, os mesmos costumes e as mesmas normas do comportamento linguístico. Com essas características, a comunidade de fala do bairro Matias em Elesbão Veloso-PI pode ser comprovada como uma comunidade de fala, de acordo com Gumperz e Hymes (1972).

Esperamos que esse trabalho tenha contribuído para o campo da variação linguística sob uma abordagem sociointeracionista e assim oferecer dados que vão contra o preconceito linguístico, o qual ainda menospreza e estigmatiza as diversas formas autênticas da língua portuguesa, embora não estejam inseridas nos padrões determinados pela norma culta.

Reiteramos que o fenômeno da variação linguística pode receber uma abordagem semântica e sociointeracionista, sem menosprezo aos estudos variacionistas tradicionais. Para além do estudo da estrutura da língua, deve-se levar em consideração, sobretudo, o estudo do uso e função da fala.

A investigação e o estudo aqui realizados dos usos linguísticos em uma comunidade específica de fala no Piauí possibilitou-nos a oportunidade de comprovar e ser testemunha de como os falantes dessa comunidade constroem e utilizam essas variantes no seu dia a dia. Foi possível também observar como essas produções linguísticas são utilizadas no seu cotidiano, de que forma são compartilhadas e, mediante os pressupostos teóricos abordados ao longo do trabalho, a comprovação de que há a presença do Piauiês bem como do preconceito linguístico nas variantes analisadas

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Norma linguística**. São Paulo: ed. Loyola, 2001.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 38. ed. São Paulo: Loyola, 2005. [52. ed., 2009].
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade: estudo sociolingüístico de migração e redes sociais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BRIGHT, W. As dimensões da sociolinguística. In: FONSECA, Maria Stella, NEVES, MOEMA F. (Orgs). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1974.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática da Língua Portuguesa**. 12. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1992
- ERICKSON, Frederick. **Ethnographic description**. In Sociolinguistics. Berlim e N. York: Walter de Gruyter, 1988.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.
- FETTERMAN, David M. **Ethnography: step by step**. London: Sage Publications, 1989.
- GUIRAUD, Pierre. **A semântica**. Tradução: Maria Elisa Mascarenhas. Difusão européia do livro, 1972.
- GUMPERZ, J. J. “**The Speech Community**”. P. P. Giglioli Ed. Language and Social Context: Selected Readings. Penguin Books, Great Britain, 1972.
- GUMPERZ, J. J. and Hymes, D. (orgs.) **Directions in Sociolinguistics**. Holt, Rinehart, and Winstom. INC, USA, 1972.
- HYMES, D. **Foudations in sociolinguistics**. University of Pennsylvania Press. Philadelphia. 1974.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LUCCHESI, Dante. **Sistema, Mudança e Linguagem**. São Paulo: Parábola, 2004.
- MOLLICA, Maria Cecília. **BRAGA, Maria Luiza. – Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação**. 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2004.
- MOLLICA, Maria Cecilia. **Fundamentação teórica: conceituação e delimitação**. In: **MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PRETI, Dino. **Sociolinguística: os níveis de fala:** um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira. 7. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral.** 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

SOUSA, V. R. C. **TRASTEJA AÍ MINHA GENTE! desvelando a linguagem de uma comunidade de fala de Angical do Piauí (PI).** Teresina, 2013. 130f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal do Piauí.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** 7. ed. São Paulo: Ática, 1985.

ANEXOS



Pesquisador e sujeito CM



Pesquisador e o professor Marcos Bagno



Pesquisador e sujeito JP